

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

MISCELLANEA FOLK-LORICA

(Continuada do n.º 27)

143

Entre pedras e pedrinhas
E' que nasce a verde salsa;
Mais valo a feia que é firme,
Que a bonita sendo falsa.

144

Entre pedras e pedrinhas
Nasce o raminho da arruda;
Mais vale ser feia engraçada.
Que bonita e carrancuda.

145

Tudo que é verde se secca
Até o lismo no rio;
Quem namora sempre tem
N'algum tempo o seu desvio.

146

Salsa verde na parede,
Murta fica ó desengano;
Mais prende o amor n'um dia
Que a justiça em todo o anno.

147

O amor é o que pega,
Em pegando já não larga,
E' muito doce ao principio,
Mas de resto sempre amarga.

148

Abre-se uma sepultura
Dentro de qualquer igreja,
Mette-se-lhe o corpo dentro
Calca a terra e não sobeja.

149

Abre-se uma sepultura,
Na terra mais recalçada,
Enterra-se a creatura,
Fica a terra como estava.

150

Estas meninas d'agora
Não usam senão regalo
Bom sapato, melhor moia,
E a barriga dando estalo.

151

Namoret-me da casada,
Mas tornei a reparar,
Se ella é falsa ao seu marido,
Como me hade ser leal?

152

Não ha machado que corte

A raiz ao pensamento;
Não ha letrado que diga
O que tenho no intento.

153

Lá o visinho barbeiro
Passa a vida alegre á porta,
Eu trabalho noite e dia,
Não passo da cepa torta.

154

Eu amava uma casada,
Ella amava o seu marido,
Ella ficou como estava,
Eu fiquei como atrevido.

155

Fechei a porta á desgraça,
Entrou-me pela janella,
Eu sou filha da desgraça,
Não posso fugir a ella.

156

Cala-te, tola, não choros,
Não dês suspiros de louca,
Bem sabes o que são homens,
Pegam n'umas, deixam outras.

157

Ando triste, apaixonada,
Tiraram-me o meu rapaz;
Em certas occasiões
Mais vale a guerra, que a paz.

158

Lindos olhos tem a cobra
Quando olha de repente;
Mais vale um bom desengano,
Que andar enganada sempre.

159

Amor, não andes de noite,
As noites não dão bom pago,
Quando não venhas ferido
Podes vir 'scandalisado.

160

Não cuides, por me deixares,
Que no ceo ganhasto palma,
Eu cahi por innocente,
Desgraçada da tua alma.

161

Casadinha de oito dias,
Já te não vale o chorar,
Se quem bom casa se arreponde,
Que fará quem mal casar.

162

O pobre pede riqueza,
O rico pede uma esperança,
Pede o proscripto uma patria,

O nauta pede bonança.

163

Quando a casa faz poeira
Então é que é o bailar;
Lá no ceo está uma cadeira
Pra quem a souber ganhar.

164

Estas meninas d'agora
Não querem senão casar,
Começam uma camisa
Não a sabem acabar.

165

Estes rapazes d'agora
Não querem senão casar,
Levam as mulher's pra casa,
Não as sabem governar.

166

Amar e sabor amar,
São dois pontos dedicados,
Os que amam são sem conto.
Os que sabem são contados.

167

Meças não se casem,
Que o casar as mata,
Olhem que é um nó
Que se não desata.

168

Dizem as casadas,
Com muita razão,
Essas solteirinhas
Para cá virão.

169

O amor dos homens
E' de pouca dura,
E' como a laranja
Quando está madura.

170

O amor dos homens
E' bom, dura pouco,
E' como a gallinha
Quando está no choco.

171

Anda cá, se queres,
Senão lá te avenhas,
Com aguas passadas
Não moem azenhas.

172

O meu bem me disse,
E eu achei-lhe graça:
Que pra mal calçada
Vale mais descalça.

173

Ribeira do Gaya
De Gaya, Gayolla;
Quem não tem juizo
Trabalha-lhe a bola.

174

O amor dos homens

E' como o fermento,
Findos oitos dias
Está bolorento.

175

Casar, casar,
Que Deus dá pão,
Depois de casada
Dará ou não.

176

O amor dos homens
E' como o limão,
Quando elles choram
Grande é a paixão.

177

Eu heide ir, heide ir,
Não heide mandar,
Que não quero coisas
Armadas no ar.

178

Eu heide ir, heide ir,
Não mandar ninguem,
Quem recados manda
Recados lhe veem.

179

Eu heide ir, heide ir,
Mandar, isso não,
Que eu não quero coisas
Armadas em vão.

180

O' lá rapariga!
Essa não é má!
Cheirando a cueiros,
Amor's quer ter já.

181

Amores ao longe,
Amores ao perto,
Amores na villa,
Que o campo é deserto.

182

Que as mulheres são tolas,
Isso não são ellas,
Tolos são os homens
Que andam atraz d'ellas.

183

Rua do Calvario,
Porta do postigo,
Estou na minha casa
Não oiço, nem digo.

184

Ailé,
Monte de Revelhos,
Dá-me tu dinheiro,
Não me des conselhos.

185

Ailé,
O' meu bem,
Quem paga não deve
Faveres a ninguem.

186

Ailé,

Cadeia da moda,
No pano mais fino
E' que cáe a nodoa.

187

Ailé,

O' meu bem amado
Julga-te por ti,
Serás bem julgado.

188

Ailé,

Monte do Abreu,
Quem não tem vergonha
Todo o mundo é seu.

189

Ai, ai,

La, ri, ló, lè,
Casar a filha com rico
E' remár contra a maré.

190

Ailé,

Raiya na manta,
Quem mais força tem
Mais peso levanta.

L

(Romance)

Santa Thereza

(2.^a versão)

Dae-nos, Supremo Senhor,
Vossa graça com tristeza,
Ouvi do ceo uma flor,
Cheia do vosso amor,
Da amada Santa Thereza.
Santa que foi procedida
De uma illustre geração,
Da nobre á parte é nascida,
E por Deus escolhida,
Mestra na santa oração.
Com viva fé e humildade
Fez voto de castidade,
E se empregava de *contino*
A Deus, ó esposo divino.
Linda flor religiosa,
Teve amores verdadeiros,
Fundou e protectora,
Santa de que é esposa,
E' de trinta e dois mosteiros.
A's suas santas habitações,
Lhe vieram mil relações,
Lá dos imperios do ceo,
E o Senhor, por encobrir sua alteza,
A' portaria bateu,
Pedindo esmola a Thereza;
Thereza compadecida,

Peza-lhe n'alma e na vida
Em este pobre vir tão tarde,
E em ter dado o que havia;
Mas o coração lhe dizia
Que ao *refertorio* tornasse,
P'ra ver se tinha algum pão
Para dar áquelle irmão.
Devo começar p'la verdade,
Achou cheio o *refertorio*,
De comer em quantidade;
Ella o seu regaço enhia
Do mantimento que havia,
E ao seu irmão dizia:
—Tomae, que Deus vol-o dá,
Só vos peço, com humildade,
Que vindes aqui cada dia,
A esta portaria,
Que vos quero na verdade
Dar a vossa caridade.—
E o Senhor, por não faltar:
—Por quem heide perguntar?
—Por Thereza de Jesus.
—E eu sou Jesus de Thereza.
O Senhor desapareceu;
Thereza com gloria santa,
Toda enlevada aos ceos.
Quem d'isto tiver memoria
De Jesus (Christo alcançará a gloria.

(Beja)

LI

(Romance)

(3.^a versão)

Dae-nos, Supremo Senhor,
Vossa sagrada consistencia,
A mais suprema flor
Foi a madre Santa Thereza.
Santa que foi procedida
D'uma illustre geração,
Fundadora e protectora
De oitenta e dois mosteiros.
Esta santa religiosa
Teve amores verdadeiros,
Um d'elles de quem era esposo,
O Senhor lhe appareceu,
Encobrin-do sua alteza,
Pedindo esmola a Thereza;
E a Santa, compadecida,
Inflammada em caridade,
Peza lhe n'alma e na vida
Em já ter dado a comida,
E este pobre vir tão tarde;
Mas o coração lhe dizia
Que ao *refertorio* tornasse,
A ver se achava algum pão
Para dár áquelle irmão,

A quem mandou que aguardasse.
 O Senhor lhe fez a vontade,
 Porque em tudo é notorio
 De Thereza a caridade;
 De comer em quantidade
 Achou cheio o refeitório;
 E a santa com alegria,
 O seu regaço enchia,
 E para o pobre dizia:
 —Tomae, irmão, que Deus vol-o dá,
 Eu vos peço com humanidade
 Venheis aqui cada dia,
 Vos quero dar a caridade,
 Aqui n'esta portaria.—
 Disse o pobre, por ter luz:
 —Porque heide perguntar?—
 E a Santa, por não faltar:
 —Por Thereza de Jesus,
 Por mim podeis procurar.—
 E a Santa lhe procurou.
 Como o pobre se chamava.
 —Eu sou Jesus de Thereza.—
 Dita a palavra santa,
 O senhor desapareceu,
 E a Thereza com gloria tanta
 Ficou enlevada ao ceo.
 Quem d'isto fizer memoria,
 Santa de Deus tão querida,
 Peça á divina alteza,
 Que no ceo terá gloria,
 Com Jesus o Santa Thereza.

*Recoihida, em Elvas, pelo sr. Jo-
 sé Joaquim Ferreira)*

LII

(Romance)

(2.^a versão)

Quinta feira de endoenças,
 Sua santa humanidade,
 Christo correu a cidade.
 Com grande peso da cruz,
 No caminho lhe faltava a luz,
 E o sol se escurcia,
 E o filho de Deus morria,
 Morria por nos salvar.
 S. João que não ha tal.
 —Se vós não o crêdes.
 Ide alem áquelle citeiro,
 Verás as ruas regadas
 C' o seu sangue verdadeiro.—
 Arrumado á columna,
 Arrumado vae o cordeiro,
 A Magdalena em cabello,
 Pelas ruas d'Amargura;
 Se vós sois amado sua,

Que adiante não vades mais,
 Que esse homem que buscaes
 Elle se chama Jesus;
 Jesus está na cruz,
 Com tres cravos encravados,
 Um nos pés e dois nos braços,
 E Magdalena do outro lado.
 O' meu mestre, ó meu Senhor,
 Eu fui a Magdalena
 Que sempre vos offendi,
 —O' Simão ajuda-me aqui,
 A esta cruz tão pesada,
 —Sim, ajudarei, Senhor,
 Com as cordas da minh'alma.
 —A tua alma será tão limpa,
 Como a estrella do bom luar.

(Beja)

LIII

(Romance)

O cego d'amor

—Donzella, abro a porta
 Ao cego perdido,
 Deita-me um lonço
 Que venhe ferido.
 —Se tu vens ferido
 Vonhas, embora,
 A porta não abro
 Nem dou lonço agora.
 Venha, minha mãe,
 Venha cá ouvir,
 Um cego tão bello
 A cantar e a pedir.
 —Se elle canta e pede
 Da-lhe pão e vinho,
 E ao pobre cego
 Ensina o caminho.
 —Eu não tenho sede
 Nem quero beber,
 Preciso de guia
 P'ra mo não perder.
 —Oh! vae minha filha,
 Pega na meada,
 E ao pobre cego
 Ensina a estrada.
 —Adeus minha aldeia,
 Tão querida e amada,
 Adeus minha mãe,
 Vou ser desgraçada.
 —Por Deus, ó donzella,
 Não vertas o pranto,
 Segue o pobre cego
 Que te ama tanto,
 —Dizes que me amas,
 Não posso crer,
 Pois sendo tu cego,